

DE POE À LINGUAGEM FÍLMICA DO SÉCULO XXI: A FRÁGIL ILUSÃO DE SEGURANÇA

Dudlei Floriano de Oliveira (IFRS)¹


Resumo: *A Máscara da Morte Rubra* (1842), de Edgar Allan Poe, descreve um príncipe rico que acredita estar protegido, quando tudo não passa de mera ilusão. Outras obras contemporâneas abordam temas semelhantes: o episódio *Cecilia*, da série *Contos do Edgar* (2013) e o filme *A Corrente do Mal* (2015). As três obras apresentam personagens aparentemente protegidos, mas vulneráveis a ameaças que se mostram muito mais internas que externas. Estas obras dialogam entre si como metáforas dos conflitos de grupos sociais representados, pois, de acordo com Bruhm (2012), o Gótico é um parâmetro dos anseios de grupos culturais em um determinado momento histórico.

Palavras-chave: Edgar Allan Poe, Gótico, *A Máscara da Morte Rubra*, *A Corrente do Mal*, *Contos do Edgar*.

Introdução

Em sua vasta obra, Edgar Allan Poe aborda os diferentes medos pelos quais os indivíduos e a sociedade estão sujeitos, tornando sua literatura significativa em diferentes épocas e contextos. O conto *A Máscara da Morte Rubra* narra a história de um príncipe que, em meio a uma epidemia mortal, acredita estar totalmente seguro dentro de seu suntuoso castelo, quando tudo não passa de mera ilusão. Passados mais de 150 anos da publicação do conto, outras obras abordam temáticas semelhantes com as quais pretendo trabalhar nesta comunicação. Uma delas é o episódio *Cecilia*, da série de televisão *Contos do Edgar* (2013), adaptação do conto para a contemporaneidade das metrópoles brasileiras, que mostra uma jovem empresária que, mesmo tentando se proteger da violência urbana e sexual com modernos sistemas de segurança, acaba se tornando mais uma vítima da mesma. Outra obra é filme *A Corrente do Mal* (2015) que, mesmo não sendo uma adaptação direta do conto, estabelece um diálogo ao mostrar personagens jovens, em um cenário urbano e contemporâneo norte-americano, que tentam, muitas vezes em vão, se proteger dos perigos resultantes de suas atividades sexuais. As três obras apresentam personagens que, em seus respectivos contextos, são financeiramente privilegiados, podendo dispor de meios que os protegeriam da violência externa. No entanto, a ameaça que era vista apenas como externa se mostra

¹ Graduado em Letras Português – Inglês (FURG), Mestre em Letras – Estudos Literários (UFRGS): dudleioliveira@hotmail.com ou dudlei.oliveira@osorio.ifrs.edu.br



próxima de suas personagens, sendo muito mais uma ameaça interna que externa. Combinando situações e ambientações mais realistas com elementos sobrenaturais, as obras mencionadas podem ser consideradas góticas, pois buscam representar algo a mais sobre o contexto em que suas personagens estão inseridas, uma metáfora dos conflitos vividos pelos respectivos grupos sociais representados em cada obra, uma vez que o Gótico é uma manifestação artística que reflete os conflitos por diferentes grupos culturais. Assim, o objetivo deste trabalho é o de refletir acerca de uma possível relação entre as duas obras filmicas e o conto *A Máscara da Morte Rubra*, de Edgar Allan Poe, e como estas obras podem dialogar entre, uma vez que apresentam, mesmo que em diferentes épocas e lugares, personagens em situações semelhantes que acreditam viver fora do alcance de ameaças externas.


O Gótico: das origens a Edgar Allan Poe

Ao se depararem com termos como “literatura gótica”, muitos leitores pensam em autores dos séculos XVIII e XIX. Tal entendimento é compreensível, visto que algumas das mais representativas obras góticas foram escritas neste período, incluindo aquele que é considerado o grande precursor do romance gótico, a obra *O Castelo de Otranto* (1764), de Horace Walpole. O Gótico, no entanto, não se limita aos séculos XVIII e XIX, tendo se mostrado profícuo ao longo do século XX até os dias atuais, sem um término propriamente dito. Na verdade, pode-se dizer que o Gótico se faz presente em diferentes contextos, sendo renovado e revigorado ao longo do tempo e do espaço nas mais diversas linguagens.

Quando as primeiras manifestações literárias góticas surgem, grande parte do público, em especial aquele de perfil mais acadêmico, apresenta certa resistência a esses textos por sentir que estes

“não são bons em termos morais, sociais ou estéticos. Sua preocupação é com o vício: os protagonistas são egoístas ou malignos; aventuras envolvem decadência ou crime. Seus efeitos, estética ou socialmente, também são repletos de uma variedade de aspectos negativos.” (BOTTING, 2014, p. 2, minha tradução)

Mesmo com esta resistência inicial, o tempo mostrou que o gótico não apenas sobreviveria, mas se tornaria parte importante do cânone literário ocidental. O processo



de resistência à admiração se deve muito a diversos escritores responsáveis por obras significativas gênero gótico, incluindo Edgar Allan Poe, que foi um dos grandes responsáveis por “levar o Gótico a maiores níveis psicológicos que a maioria de seus antecessores” (FISHER, 2004, p. xix, minha tradução), sendo reconhecido ainda em vida por seu talento e contribuição. Tal reconhecimento, no entanto, não ficou limitado a seus contemporâneos e conterrâneos, sendo sua obra uma das mais lidas ainda hoje, por um público amplo e diverso. Seu sucesso pode ser explicado pelo fato de que seus poemas e contos “continuam a fascinar leitores pois eles, de fato, continuam a tocar em ansiedades existenciais e atemporais comuns a pessoas de todos os lugares” (*idem*).


A Máscara da Morte Rubra

Em um de seus contos mais famosos, *A Máscara da Morte Rubra*, Poe descreve a situação calamitosa que uma epidemia fatal houvera causado em uma determinada região:

“DURANTE muito tempo devastara a Morte Rubra aquele país. Jamais se vira peste tão fatal e tão terrível. O sangue era a sua encarnação e o seu sinete: a vermelhidão e o horror do sangue. (...) E toda a irrupção, progresso e término da doença não duravam mais de meia hora.” (POE, 2015, p. 122)

O conto não faz menção a nenhuma época ou lugar específico, mas as descrições do espaço físico – como o interior do castelo – e dos sintomas da doença remetem ao continente europeu durante surtos de doenças contagiosas, tais como a peste bubônica. Porém, muito mais do que uma narrativa sobre uma epidemia, o conto é sobre a ilusão de segurança que muitos vezes se tem, mesmo quando alguém está diante de uma ameaça iminente. O protagonista do conto é um nobre que, segundo a descrição do narrador, é rico e poderoso o bastante para acreditar estar imune aos perigos da tal epidemia, mesmo quando esta já atingiu suas terras, mostrando-se fatal a outros habitantes:

“Mas o Príncipe Próspero era feliz, destemido e sagaz. Quando seus domínios se viram despovoados da metade de seus habitantes mandou chamar à sua presença um milheiro de amigos sadios e joviais dentre os cavaleiros e damas de sua corte, retirando-se com eles, em total reclusão, para uma de suas abadias fortificadas. Era um edifício vasto e magnífico, criação de príncipes de gosto excêntrico, embora majestoso. Cercava-o forte e elevada muralha com portas de ferro. (...) Lá dentro, tudo isso e segurança. Lá fora a Morte Rubra.” (*idem*)



O Príncipe Próspero – um nome um tanto quanto irônico, considerando-se o desfecho do conto – crê, talvez por toda o luxo e segurança que podia ostentar que estaria seguro, quando, como os demais habitantes daquela região, não sobrevive quando “o ilimitado poder da Treva, da Ruína e da Morte Rubra dominou tudo” (*idem*, p. 127).


Uma das possíveis interpretações para o significado da Morte Rubra é o de não se tratar de uma enfermidade, mas servir como uma metáfora para a iminência da morte, por mais que se busque combatê-la ou adiá-la. Durante a festa que ocorre no castelo de Próspero, os convidados passam por diferentes salões, cada um de uma cor diferente. Fisher (2004) aponta para o fato de que cada cor pode ser visto como uma simbologia para diferentes momentos da vida, sendo que o desfecho do conto se passa no salão preto, cor associada à morte. Tal leitura pode explicar a recepção e universalidade da obra de Poe ainda nos dias de hoje: mais do que um conto sobre uma enfermidade específica, o que ele aborda, de fato, é a efemeridade da vida, tema que, por mais que conhecido da humanidade há milênios, continua a ser um de seus maiores medos e mistérios.

Contos do Edgar: o gótico urbano brasileiro

A obra de Poe é uma das mais adaptadas para outras linguagens e mídias, em especial a audiovisual. Embora grande parte destas adaptações busque reproduzir os elementos literários de seus contos e poemas da forma mais próxima possível, é comum vermos sua obra sendo reinterpretada de maneiras criativas, sendo constantemente o resultado de um processo de proximização². Um desses exemplos é a série brasileira de televisão intitulada *Contos do Edgar*, produzida pelo canal a cabo Fox, em 2013.

A série é ambientada em São Paulo, no séc. XXI, e contém 5 episódios, sendo cada um inspirado em um conto de Edgar Allan Poe. Um desses episódios se intitula *Cecília* e é inspirado em *A Máscara da Morte Rubra*. Agora, ao invés de um príncipe que se protege em seu castelo de uma doença contagiosa como no conto, a protagonista do episódio é uma mulher solteira, dona de um negócio próprio, mais especificamente,

² Sobre o conceito de proximização, Gerard Genette diz: “Conforme foi indicado em referência à nacionalidade, o habitual movimento de transposição diegética é um movimento de proximização: o hipertexto transpõe a diegese de seu hipotexto para atualizá-lo e aproximá-lo de seu público (em termos temporais, geográficos ou sociais).” (GENETTE, 1997, p. 304, minha tradução)




uma loja de fantasias e produtos para festas, onde uma festa de Carnaval ocorre, em referência à mascarada descrita no conto. Embora doenças contagiosas continuem a se fazer presentes nas principais manchetes brasileiras, o grande temor presente no espaço urbano de hoje é a violência urbana. Para a protagonista-título do episódio, a ameaça é ainda mais contundente: sendo mulher e vivendo sozinha, ela se torna vítima da violência sexual.

Um dos possíveis conceitos sobre o que seria a literatura gótica, é a de que esta “sempre foi um barômetro das ansiedades que assombram certa cultura em determinado momento histórico” (BRUHM, 2002, p. 206, minha tradução). Assim como no século XIX o surto de uma doença contagiosa poderia ser um dos grandes medos da população daquela época, é possível dizer que um dos grandes medos da população do séc. XXI é a violência urbana ou, ainda pior, a violência sexual.

Cecília possui um negócio próprio que a permite ter uma vida confortável. Mais do que isto, quando sua casa é invadida e ela é fisicamente atacada, seus recursos permitem que ela contrate modernos sistemas de segurança para proteger sua casa (câmeras, grades, alarmes, etc.). Mesmo assim, a ameaça se mostra muito mais interna do que externa, sendo que nem mesmo dispositivos de segurança a poderiam proteger, da mesma maneira que portões e muralhas foram incapazes de proteger Próspero de seu destino.

De acordo com dados oficiais do governo brasileiro, há mais de duas mil denúncias diárias por crimes sexuais (estupro, exploração sexual e assédio sexual no ambiente de trabalho), sendo que o número de estupros representa mais de 78% das denúncias feitas³. Assim como no caso de Cecília, que não consegue se proteger da violência pois esta ocorre dentro de sua casa aparentemente protegida, a situação do cidadão brasileiro, mais especificamente mulheres e crianças, não é diferente: grande parte dos casos de violência sexual no país é cometida por conhecidos e familiares das próprias vítimas. Mesmo que o episódio e a série em questão flertem com o sobrenatural e o maravilhoso em sua narrativa, a ideia de que a protagonista não consegue se proteger da violência sexual, mesmo tendo protegido sua casa da violência externa com grades, reflete um dos grandes medos pelos quais a sociedade brasileira contemporânea

3 <http://www.sdh.gov.br/noticias/2016/marco/ligue-180-registrou-749.024-atendimentos-em-2015>, acesso em 29/09/2017.




passa: o da violência urbana e sexual, sendo esta muitas vezes mais próxima da população do que se gostaria de admitir.

A Corrente do Mal

Mesmo não sendo uma obra que possa se considerar como sendo “baseada” ou “inspirada” pelo conto de Poe, é possível perceber certas semelhanças no que diz respeito à sua temática. O filme *A Corrente do Mal*, de 2014, tem como protagonista uma jovem adulta chamada Jay que descobre ser vítima de uma maldição sexualmente transmissível. Assim como Cecília ou Próspero, ela vive em uma situação relativamente confortável e segura. Diferente de Cecília, que tivera sua casa invadida por um estuprador em uma cidade com altos índices de violência urbana, ou de Próspero, vivendo muitos habitantes morrendo com a chegada de um contágio sem controle, Jay vive no subúrbio norte-americano, reduto residencial das famílias de classe média alta.

A cena inicial de *A Corrente do Mal* mostra uma outra jovem, provavelmente da mesma faixa etária de Jay, fugindo de algo que somente ela consegue enxergar. Mesmo assim, lhe são oferecidas três tipos de ajuda presentes neste contexto social: seu pai (a família), seus vizinhos (a comunidade) e um carro de polícia (o estado), mas ela rejeita as três, sabendo que a ameaça que a persegue é de uma natureza tão diferente que nenhuma ajuda disponível seria capaz de protegê-la.

Ao longo do filme, Jay se vê constantemente perseguida por algo ameaçador, que somente ela consegue enxergar e que se apresenta em diferentes formas humanas. Em todos os momentos, o filme deixa claro que os ambientes frequentados por Jay apresentam opções de segurança e vigilância: um campus universitário, sua casa, seu bairro. Um dos exemplos mais perceptíveis são as constantes menções aos pais e mães das personagens do filme como pessoas extremamente preocupadas com seus filhos. No entanto, é como se os pais existissem apenas de forma virtual – eles raramente aparecem no filme e, mesmo em situações mais extremas, quando o “mal” está dentro de sua casa, Jay nunca recorre a ajuda de sua mãe. Embora haja certa explicação por parte da personagem para não comentar o ocorrido com sua mãe, a situação se torna mais estranha quando Jay precisa ser hospitalizada e não há nenhum indício de que sua mãe fora sequer notificada do ocorrido.




Para se compreender tal lógica do filme, talvez seja preciso enxergá-lo de forma metafórica. Os protagonistas do filme pertencem ao grupo etário comumente chamado de “jovens adultos”. Ainda que os conceitos sobre quem estaria dentro deste grupo variem, Jay apresenta diversas características de ser tanto “jovem” quanto “adulta”, como o fato de já estar na faculdade, já ter direito a uma vida sexual e amorosa e ter seu emprego, mas ainda depender de sua mãe para muitas práticas cotidianas⁴.

Uma das marcas do filme é que o mesmo possui alguns monólogos e diálogos aparentemente aleatórios, que não parecem ter uma função de existir dentro da narrativa. Um desses ocorre próximo ao desfecho do filme, quando Jay e seus amigos se dirigem a uma piscina pública⁵ e, no trajeto, ao vermos casas abandonadas de Detroit, Yara, amiga de Jay, fala sobre como, quando criança, ela nunca entendera o fato a proibição dada por seus pais para que ela não atravessasse um determinado ponto da cidade⁶; agora que ela é mais velha, ela e seus amigos conseguem entender a regra a eles imposta. Durante este diálogo, aparentemente desconexo do resto da narrativa, nota-se que o grande mote do filme é a chegada à fase adulta e a insegurança que isso causa. Mesmo com os diversos auxílios que esses jovens têm ao seu dispor (como os mencionados anteriormente, incluindo família, comunidade e estado), quando eles se veem diante de questões de cunho estritamente íntimo e pessoal – como a independência sexual e os perigos que ela traz, transfigurada em “maldição” no filme – a situação se complica: não há mais, como no passado, a constante vigilância de adultos responsáveis e esta transição não é pacífica ou segura. Na transição entre infância e adolescência, havia um policiamento dos pais e, conseqüentemente, dos próprios jovens. Já a transição entre a adolescência e a idade adulta é mais complexo. Os jovens do filme, ou “jovens adultos”, já são independentes para ter seus próprios empregos, dirigir seus próprios automóveis, e fazer sexo com quem quiserem, sem a necessidade de nenhuma aprovação ou consentimento de seus responsáveis. Embora a conquista da liberdade seja algo bom e importante, uma análise mais detalhada do filme nos permite

4 É importante salientar que na cultura estadunidense, é comum que jovens saiam de casa logo após terminarem o Ensino Médio, algo que não ocorre com Jay e com seus amigos mais próximos.

5 Em um diálogo entre Jay, Yara e Paul, percebe-se que esta foi a piscina que marcou a transição do grupo da infância ou pré-adolescência para a adolescência, onde alguns deles tiveram algumas de suas primeiras “experiências adolescentes” (como a primeira cerveja seguida de vômito); o retorno à piscina e o contexto do filme marcam a transição entre a adolescência e a idade adulta.

6 O ponto em questão é a Rodovia 8 Mile, em Detroit que separa, cultural e geograficamente, a região mais enriquecida da região mais empobrecida da cidade.



concluir que, pelo menos para o grupo representado no filme, o grande medo que os apavora é a transição para a idade adulta sem o apoio ou conhecimento necessários para tal. Isso não torna seus pais ou vizinhos necessariamente em vilões, mas isso mostra que, assim como a maldição que os persegue, que surge de forma inesperada e desconhecida, os perigos da liberdade que surgem com a idade adulta também são inesperados e desconhecidos. E, para sobreviver a tais perigos, é necessário que, assim com Jay, decida-se enfrentar tais perigos e desvendá-los, pois, mesmo que eles não desaparecem completamente nem possam ser sempre vencidos, é possível saber como, pelo menos, reconhecê-los e contorná-los.


Conclusão

As manifestações artísticas e literárias góticas sempre serviram como um parâmetro para melhor se compreender os temores e anseios vividos pelos povos e culturas de seus contextos de produção. Um desses grandes medos é a sensação de que, mesmo quando alguém pode dispor de mecanismos financeiros, sociais ou físicos para se proteger, o perigo é sempre iminente. As três obras trabalhadas neste trabalho – *A Máscara da Morte Rubra*, *Contos do Edgar* e *A Corrente do Mal* –, mesmo que produzidas em distintos lugares e épocas, conseguem dialogar entre si por apresentarem protagonistas que, apesar de uma situação financeira que os permita adquirir meios para deixá-los mais seguros, percebem que não podem evitar as ameaças que os perseguem. E, o que torna estas obras tão significativas e inquietantes é o fato de que o que assombra cada personagem não é um perigo que possa ser facilmente identificado e combatido, como um inimigo externo, mas sim uma ameaça interna.

Referências bibliográficas

A CORRENTE DO MAL. Produzido por Rebecca Green [et al.]. Direção e Roteiro de David Robert Mitchel. Animal Kingdom Filmes. DVD, 100 min., 2014;

BOTTING, Fred. *Gothic*. 2nd ed. The New Critical Idiom. New York: Routledge, 2014;



BRUHM, Steven. *The contemporary Gothic: why we need it*. In: *The Cambridge Companion to Gothic Literature*. Edited by Jerrold E. Hogle. New York: Cambridge University Press, 2002;

CONTOS do Edgar [programa de TV]. Produzido por Fernando Meirelles. Fox International, 2013;

GENETTE, Gérard. *Palimpsests: Literature in second degree*. Translated by Channa Newman and Claude Doubinsky. Lincoln, University of Nebraska Press, 1997;

POE, Edgar Allan. *Contos de Terror, de Mistério e de Morte*. Tradução de Oscar Mendes. Clássicos Cultura. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015;

POE, Edgar Allan. *The Essential Tales and Poems of Edgar Allan Poe*. Edited by Benjamin F. Fisher. New York: Barnes and Noble Classics, 2004;